

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS

Luís Cláudio Pereira Symanski

In: Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira.
Organizadores: Walter Fagundes Morales e Flavia Prado Moi.
Editora: Annablume/Acervo
Ano: 2009
pp. 279-310

Introdução

O propósito deste trabalho é discutir o desenvolvimento da arqueologia histórica no Brasil nos últimos 20 anos, com foco na orientação teórica das pesquisas realizadas e das principais problemáticas que vem sendo abordadas. Embora existam algumas revisões sobre a arqueologia histórica na América do Sul que contemplam exemplos do Brasil (Funari 1994, 1996, 1997; Zarankin 2007), a única revisão intensa da produção da subdisciplina em nosso país foi feita por Lima em 1993, contemplando a totalidade das publicações no período entre 1960 e 1991 (Lima 1993). Nesse artigo Lima chamava a atenção para o forte predomínio dos trabalhos puramente arqueográficos, porém notando a então recente emergência de trabalhos influenciados pelas abordagens processuais, ideológicas e simbólicas, os quais começavam a transcender a descritividade ainda reinante e abriam caminhos "para a produção efetiva de conhecimento" (Lima 1993:229). Nos últimos 20 anos ocorreu uma grande expansão da arqueologia histórica no Brasil, produto, sobretudo, de uma nova geração de arqueólogos que emergiu na década de 90, devido ao fortalecimento dos cursos de pós-graduação e da expansão da arqueologia de contrato. Atualmente a subdisciplina conta com um número bem maior de praticantes do que nas décadas anteriores, e suas contribuições estão ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre nosso passado recente. Esse quadro de expansão, que tende a tornar-se ainda mais acentuado nos próximos anos devido à recente proliferação dos cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia, exige uma reflexão constante sobre os rumos da arqueologia histórica em nosso país. Este trabalho, portanto, pretende discutir os problemas e as contribuições da produção das duas últimas décadas, o que torna necessário caracterizar o desenvolvimento da subdisciplina desde seus primórdios, na década de 60 do século passado.

O Período de Formação da Disciplina (1960-1980)

Foi somente a partir dos anos de 1960 que a arqueologia histórica no Brasil começou a ser realizada por pesquisadores institucionalizados, apesar de haver registros de pesquisas anteriores àquela década (Lima 1993). Neste período inicial, alguns arqueólogos começaram a dar atenção às reduções jesuíticas dos séculos XVI, XVII e XVIII existentes no sul do Brasil (Blasi 1963; Chmyz 1964; Brochado 1969) e aos sítios de contato do século XVI do litoral nordestino (Albuquerque 1969). Muitos desses arqueólogos foram treinados como pré-historiadores nos anos de 1960, através do

PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), um amplo programa de pesquisas, coordenado pelo casal de arqueólogos do Smithsonian Institute, Betty Meggers e Clifford Evans, que identificou, caracterizou e mapeou no tempo e no espaço alguns dos principais complexos arqueológicos (tradições), sobretudo cerâmicos, presentes no território brasileiro (ver Meggers 1970).

Esses arqueólogos valiam-se de princípios teóricos e metodológicos da arqueologia histórico-cultural, aplicados tanto aos sítios pré-coloniais quanto aos sítios históricos, com ênfase na identificação e delimitação espaço-temporal de complexos de artefatos, os quais eram diretamente associados a populações específicas. O uso desses princípios na arqueologia histórica levou a uma preocupação com a construção de tipologias cerâmicas, que deveriam ser inseridas em fases e tradições históricas (ver Souza 2000).

A abordagem histórico-cultural foi bastante produtiva nos anos de 1960 e 1970, período no qual foram realizados importantes trabalhos comparativos, sobretudo com cerâmicas de vilas espanholas e sítios missioneiros do Paraná (Chmyz 1976a, 1979) e do Rio Grande do Sul (Brochado 1969; Brochado et al. 1969; Ribeiro 1981), que enfatizavam os processos de mudança na cultura material das populações guarani a partir do contato com os colonizadores espanhóis. Do mesmo modo, a caracterização da tradição ceramista Neobrasileira, definida como uma "tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências..." (Chmyz 1976b), ou entre indígenas, europeus e africanos (Dias Junior 1988), também foi baseada em estudos comparativos que consideravam a dispersão temporal e espacial desse material.

Os estudos de aculturação começaram a emergir no final dos anos 60, com o trabalho de Brochado, Lazzarotto e Steinmetz (1969). A partir da aplicação dos métodos de seriação às cerâmicas dos sítios missioneiros do sul do Brasil, esses autores estudaram o processo gradual de adoção das técnicas da tradição européia pelos indígenas guarani nos séculos XVII e XVIII. De acordo com os autores, a incorporação dessas técnicas teria persistido até o final do século XVIII quando os missionários foram expulsos pelo governo colonial e os guaranis retomaram suas técnicas de manufatura tradicionais.

Nos anos de 1970 prosseguiram as pesquisas nas reduções jesuíticas do sul (Blasi 1971; Chmyz 1976a; Ribeiro 1979) e nos sítios de contato euro-indígena do nordeste (Albuquerque 1970, 1971). Essas pesquisas tenderam a manter o mesmo caráter descritivo daquelas realizadas na década anterior, sendo algumas vezes abordado o processo de aculturação a partir da substituição gradual da cultura material indígena pelos artefatos europeus. Naquela década a arqueologia foi também introduzida em projetos de restauração de monumentos históricos (Mello Neto 1975a; Albuquerque e Lucena 1976), mas subordinada à arquitetura, visando a exposição de estruturas, a identificação de áreas funcionais e a recuperação de métodos e técnicas de construção (Lima 1993; Souza 2000).

Embora a ênfase na definição de sequências seriadas de amostras cerâmicas, visando o estabelecimento de fases prosseguisse (ver, por exemplo, Dias Junior 1971), Mello Neto (1975b, 1977) começou a dar atenção a outros materiais, como belarminos (jarros alemães de pó-de-pedra) e cachimbos holandeses do século XVII. Em seu estudo sobre os cachimbos holandeses recuperados de sítios de Pernambuco e da Paraíba, Mello Neto (1977) fez experimentos com diferentes fórmulas de datação média, propostas para

coleções de cachimbos de contextos norte-americanos por Harrington, Binford e Hegbert, verificando que a fórmula de Hegbert, especificamente desenvolvida para cachimbos holandeses, fornecia os melhores resultados para os sítios pesquisados, que foram ocupados entre 1630 e 1654.

Brochado (1974) prosseguiu seus estudos sobre os processos de aculturação entre indígenas e europeus, agora ampliando suas dimensões espaciais e temporais para contemplar o leste da América do Sul entre os séculos XVI e XX. Ele estudou artefatos de diferentes categorias de sítios que apresentavam diferentes intensidades de contato entre os dois grupos, enfatizando as reduções religiosas e os sítios militares. A variabilidade dos artefatos foi considerada como refletindo diferentes níveis de contato cultural entre esses grupos. O resultado final, porém, consistiu na reformulação da cultura das sociedades indígenas, que sincretizaram as diversas tradições ceramistas pré-coloniais com a tradição europeia, resultando na tradição Neobrasileira.

Cabe ser colocado que o uso do modelo de aculturação em arqueologia tem sido severamente criticado nas últimas décadas devido à sua concepção de cultura material como um indicador passivo de etnicidade. Este modelo é baseado no pressuposto de que a adoção, por parte de um grupo étnico, de itens materiais de outro grupo, envolve também a adoção dos traços culturais, acarretando na gradual perda da identidade étnica original do grupo que está adotando a cultura material forânea. Trata-se, assim, de um modelo unidirecional, que considera somente a perspectiva do grupo politicamente dominante (Cusick 1998; Singleton 1998). Porém, deve ser considerado que a preocupação com os estudos de aculturação na arqueologia histórica brasileira estava em sintonia com os estudos da arqueologia histórica norte-americana do mesmo período (ver Cheek 1974), os quais continuaram a ser desenvolvidos nos Estados Unidos ainda nas décadas de 80 e 90 (ver, por exemplo, Wheaton e Garrow 1985; Staski 1996).

O Período de Consolidação: 1980-1990

Lima (1993:228) nota que nos anos de 1980 surgiram novas perspectivas no campo da arqueologia histórica brasileira, sendo reconhecido o potencial da disciplina no estudo dos grupos étnicos e segmentos subalternos que não tiveram possibilidades de escrever sua própria história, em recuperar memórias sociais, estudar práticas cotidianas e reinterpretar a história oficial.

Naquela década o estudo dos sítios missioneiros foi intensificado na região sul (Kern 1989a; 1989b; La Salvia 1983; Ribeiro 1981, 1985; Ribeiro et al 1989) e iniciado na região nordeste (Souza, Victor e Barbosa, 1989). Do mesmo modo, estudos sobre sítios de contato euro-indígenas prosseguiram no Nordeste (Albuquerque 1982, 1984). Uma diversidade sítios monumentais, como fortes, igrejas e palácios, começou a ser contemplada, principalmente em estudos que acompanhavam projetos de restauração (Albuquerque 1980; Albuquerque e Lucena 1988; Andreatta 1986; Mello Neto 1983; Silva, Morley e Silva 1984). Unidades domésticas, ocupadas tanto pela elite quanto por segmentos subalternos, começaram a ser estudadas no sudeste (Andreatta 1981; Lima et al. 1989a; Lotuffo 1989). O foco nos segmentos oprimidos da sociedade foi introduzido através do estudo de quilombos de Minas Gerais (Guimarães e Lanna 1980), aldeamentos indígenas pós-missioneiros no Rio Grande do Sul (Ribeiro, Ribeiro e Silveira 1988), e do arraial de Canudos, na Bahia (Zanettini 1988).

Alguns desses trabalhos buscaram explorar o potencial informativo do registro arqueológico em termos de dinâmica social, seja prosseguindo as discussões sobre contato interétnico e processos de aculturação das populações indígenas (Albuquerque 1984; Kern 1989b; Ribeiro 1985), seja introduzindo novas abordagens, como o estudo da variabilidade socioeconômica de unidades domésticas ocupadas por grupos sociais diferenciados (Lima et al 1989a; Zanettini 1986), e o estudo dos padrões de assentamento de grupos quilombolas, considerando as estratégias empregadas para evitar ou dificultar o acesso dos caçadores de escravos aos seus locais de habitação (Guimarães e Lanna 1980). Porém, conforme observa Lima (1993:229), a maioria dos trabalhos manteve o caráter descritivo das décadas anteriores, geralmente seguindo o mesmo modelo de publicação, contendo a descrição geográfica da região na qual o sítio estava inserido, a pesquisa histórica sobre o sítio e a região, a descrição do trabalho de campo, e a descrição do material arqueológico.

Os trabalhos de Zanettini (1986) e Lima et al. (1989a) destacam-se neste período por darem atenção à significância social da variabilidade de faianças, faianças finas e porcelanas em sítios domésticos. Ambos os estudos estavam preocupados não somente com a identificação e descrição desses itens, mas também com a análise comparativa inter-sítios, visando verificar como esses materiais refletiam a variabilidade do *status* sócio-econômico dos ocupantes desses sítios. Diferenças de ordem quantitativa e qualitativa foram consideradas nessas análises, sendo verificada a maior proporção de porcelanas nas unidades ocupadas pelas elites, enquanto que louças mais simples predominavam nos contextos ocupados pelos segmentos pobres. Essas duas pesquisas foram influenciadas pelos estudos sobre comportamento de consumo ligados à arqueologia histórica processual norte-americana dos anos 70 e 80 do século XX (ver, por exemplo, Stone 1970; Miller 1980; Spencer-Wood 1987).

A arqueologia processual é uma abordagem que considera a cultura como um sistema que tem por principal propósito adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Nesta perspectiva, as atividades de subsistência são consideradas determinantes, com as causas da mudança cultural devendo ser buscadas no meio natural e na tecnologia (Binford 1962). Na arqueologia histórica processual, os aspectos relacionados ao caráter adaptativo da cultura são, contudo, minimizados em detrimento das variáveis sócio-culturais. É, no entanto, mantida a necessidade de se fazer uma investigação orientada cientificamente, baseada, sobretudo, na aplicação de métodos estatísticos na coleta e na análise dos dados (South 1977). Uma premissa básica da arqueologia histórica processual é que o comportamento humano é padronizado de acordo com linhas culturais e sociais, de modo que os correlatos materiais deste comportamento, ou seja, os artefatos que compõem o registro arqueológico, devem também ser padronizados (Deagan 1996:29-32 [1982]; Majewski e O'Brien 1987:173; South 1977). A meta dos arqueólogos não deve se limitar apenas à identificação dos padrões, mas incluir explicações sobre por quê eles existem em termos de comportamento cultural (Deagan 1996:32 [1982]).

Os trabalhos de Zanettini (1986) e Lima et al. (1989a) podem ser considerados como um esforço, embora ainda tímido, de superar as limitações da abordagem histórico-cultural através da adoção de princípios teóricos e linhas de investigação da arqueologia processual. Esta preocupação é também revelada em experimentos realizados por Lima et

al. (1989b) com a Fórmula para a Datação Média de Louças proposta por Stanley South (1972).

De 1990 ao Começo do Século XXI: vinhos velhos com novos rótulos e tendências recentes

Nos últimos vinte anos uma grande diversidade de tipos de sítios históricos desconsiderados nas décadas anteriores, tais como registros (Jacobus 1996; Oliveira 2002), povoados e sítios associados a atividades de mineração (Guimarães 1996), lixeiras coletivas urbanas (Landa 1996; Tocchetto 2000), senzalas (Lima et al. 1993; Symanski e Souza 2007; Souza no prelo), cemitérios (Lima 1994), estradas coloniais (Zanettini 1990; Sousa 1995), e engenhos (Symanski e Souza 2006; Symanski 2008) começaram a ser pesquisados. Também continuaram a ser realizadas pesquisas em sítios monumentais, como fortalezas (Fossari 1992; Souza 1995; Vianna 1992), igrejas (Kern 2000; Najjar e Rezende 2000) e monastérios (Bittar e Almeida 2000), assim como nos sítios missionários (Albuquerque 1990; Chmyz, Sganzerla e Volcov 1990; Kern 1994; Martin 1990), quilombos (Funari 1995; 1999; Guimarães 1990; Orser e Funari 1992), e unidades domésticas rurais e urbanas (Barros 1996; Carle e Oliveira 1996; Lima 1999; Morales 2001; Ognibeni 1998; Souza 1996; Symanski 1998a, 2002, 2008; Zanettini 2005).

Embora a cerâmica continue a ser uma das principais categorias materiais abordadas (Agostini 1998a; Allen 1998; Chmyz et al. 2008:258-265; Morales 2001; Souza 2002, 2008; Symanski 2008; Souza e Symanski, no prelo; Tocchetto 1998; Zanettini 2005), uma característica do período atual é a crescente atenção dada a outras categorias materiais, com ênfase especial às diversas categorias de louças (faiança, faiança fina e porcelana) (Araujo e Carvalho 1993; Albuquerque 1991; Carvalho 1999; Lima 1995, 1997; Motta 1998; Ognibeni 1998; Sousa 1998; Symanski 1998a, 2002; Tocchetto et al. 2002), mas também artefatos de vidro (Lima 2002a; Santos 2005; Symanski 1998b; Zanettini e Camargo 1999) e itens de metal (Carle 1998).

Em termos de orientação teórica, o cenário contemporâneo é caracterizado por uma diversidade de abordagens, as quais podem ser sumariamente agrupadas nas seguintes categorias: a) continuidade da abordagem histórico-cultural, b) aplicação de métodos e conceitos da arqueologia processual, c) reprodução da abordagem histórico-cultural, porém sob o novo rótulo de abordagem contextual, e d) abordagens críticas e simbólicas, explorando uma diversidade de temáticas relacionadas ao processo de expansão do capitalismo.

A abordagem histórico-cultural continua sendo um meio eficaz para a caracterização de regiões ainda pouco conhecidas em termos de processos de ocupação pré-histórica, devido à sua ênfase na variabilidade espaço-temporal de complexos arqueológicos, visando a construção de quadros de ocupação regionais. Na arqueologia histórica, contudo, os trabalhos mais recentes, com raras exceções, têm se revelado apenas descritivos, na medida em que não consistem em abordagens comparativas mais amplas, como os estudos das décadas anteriores.

A abordagem processual, por sua vez, influenciou somente um reduzido número de arqueólogos históricos. Alguns princípios desta abordagem foram adotados em projetos de arqueologia urbana em São Paulo (Juliani 1996) e Porto Alegre (Tocchetto et al 1999). Em ambos os casos foi empregado o conceito de cidade-sítio, proposto por Cressey et al. (1982), que considera a cidade como a unidade de análise básica e os sítios nela inseridos como elementos articulados deste sistema mais amplo.

Estudos de caráter quantitativo, testando as implicações da Fórmula South em termos de padrões diferenciais de aquisição e uso de artefatos de louças e vidros, foram

realizados por Araújo e Carvalho (1993) e Symanski (1998b). Ao estudar uma unidade doméstica oitocentista de São Paulo, Araújo e Carvalho (1993) constataram que a amostra de louças apresentava uma datação média cerca de 30 anos anterior à data de construção da edificação (1892), que também era incoerente com as telhas e artefatos de vidro de fabricação posterior presentes no mesmo contexto de deposição, indicando um alto intervalo entre a manufatura e a deposição das louças no registro arqueológico. Para os autores, a disparidade observada estaria provavelmente relacionada a um "atraso" na utilização dos jogos de louça pela família que ocupou o sítio, que provavelmente os teria trazido de sua residência anterior. Symanski (1998b) contrastou as datações médias das amostras de louças e vidros de uma unidade doméstica oitocentista de Porto Alegre, o Solar Lopo Gonçalves, constatando uma diferença de cinco anos entre as amostras das duas categorias materiais, datadas, respectivamente, em 1865 e 1870. Essa diferença indicou que os itens de vidro tenderam a ser mais rapidamente descartados no registro arqueológico que aqueles de louça. Por outro lado, ambas as datações enquadraram-se no período máximo de desenvolvimento do ciclo de vida familiar dos ocupantes do solar, entre 1860 e 1870, no qual a família do proprietário, Lopo Gonçalves Bastos, apresentou o maior número de integrantes.

Estudos de comportamento de consumo sob uma perspectiva processualista foram realizados por Symanski (1998a), no solar Lopo Gonçalves, Ognibeni (1998), em um sítio rural no município de Rio Grande, e Agostini e Najjar (2007), em um solar no município de Vassouras (RJ). Pesquisas realizadas em inventários permitiram a Symanski (1998a) esboçar um quadro do comportamento de consumo de diferentes grupos sociais de Porto Alegre no século XIX, e assim inserir os grupos que ocuparam a unidade doméstica em questão na topo da hierarquia social. O confronto das fontes documentais com a variabilidade das amostras de louças, referentes aos dois grupos domésticos que ocuparam o solar no século XIX, avaliadas a partir da escala econômica de Miller (1980, 1991), demonstrou contradições entre a alta condição sócio-econômica da primeira família que ocupou o solar e a simplicidade de seus itens domésticos, em marcante contraste com as louças mais caras e sofisticadas associadas ao segundo grupo doméstico que ocupou este sítio. Essas contradições foram explicadas considerando o mais amplo processo de expansão urbana durante a segunda metade do século XIX, no qual a casa de chácara da primeira ocupação foi envolvida pela cidade, transformando-se em um solar urbano, o que implicou em mudanças nos padrões de uso do espaço doméstico, dos artefatos presentes nesse espaço e, conseqüentemente, no comportamento social do grupo doméstico em questão. Ognibeni (1998) também enfatizou as louças em sua pesquisa, empregando a escala de Miller para desafiar descrições históricas tradicionais sobre as condições materiais de vida simplórias da população rural de Rio Grande, demonstrando que esses grupos tiveram acesso a itens materiais considerados de alto valor para a sua condição social. Agostini e Najjar (2007) analisaram as amostras de louças de chá e de jantar de uma família de elite da Vassouras, verificando a falta de preocupação com a exposição de seu status social através das louças, dada a predominância de louças simples (brancas e minimamente decoradas) na amostra resgatada.

A abordagem contextual, proposta por Hodder (1986), alcançou uma alta popularidade na arqueologia histórica brasileira nos anos 90, sendo adotada sobretudo pela geração dos arqueólogos que obtiveram seus títulos de mestre naquela década. Conforme apresentada no livro que tornou-se a referência básica dessa geração, *Reading*

the Past (Hodder 1986), a arqueologia contextual é caracterizada por uma série de premissas que precisam ser detalhadas. Em primeiro lugar, a cultura material é considerada não como um reflexo passivo de estruturas sociais e econômicas, mas como um elemento ativo, utilizado para produzir e reproduzir relações sociais. Assim, seus significados são culturalmente específicos, e os mesmos artefatos podem ter diferentes significados em diferentes contextos. Por essas razões não é possível fazer generalizações de uma cultura para a outra. Seguindo uma tradição hermenêutica e idealista, o registro arqueológico é considerado como um "texto" a ser lido e interpretado, antes do que um "laboratório" do comportamento humano. Finalmente, Hodder alega que, devido ao fato de os significados atribuídos à cultura material serem culturalmente específicos, a arqueologia tem elos mais fortes com a história antes do que com a antropologia.

No plano teórico, esta ampla adoção das idéias de Hodder entre os arqueólogos históricos brasileiros pode ser considerada como um salto paradigmático da arqueologia histórico-cultural para a arqueologia contextual. No entanto, a rejeição de princípios metodológicos robustos, relacionados à coleta e análise do material arqueológico, levou a um vácuo que teve consequências negativas para o desenvolvimento da disciplina. Neste sentido, observa-se, em grande parte desses trabalhos, uma lacuna entre a teoria empregada e os resultados obtidos. O perfil da maioria das dissertações e publicações dos arqueólogos no Brasil que subscrevem-se a esta vertente difere pouco daquelas de cunho histórico-cultural das décadas anteriores, descritos por Lima (1993) como obedecendo o seguinte padrão: descrição histórica, geográfica e topográfica, seguida dos métodos e técnicas empregados em campo, descrição dos sítios, descrição do material coletado, e considerações finais. A adição mais evidente diz respeito à fundamentação teórica introdutória, na qual a abordagem contextual é caracterizada, seguida, algumas vezes, de uma pesquisa histórica relacionada ao tema de interesse do autor, seja este a reconstrução de modos de vida do passado, os usos sociais das louças, ou a reconstrução da paisagem cultural. Interpretações sobre os significados simbólicos dos artefatos, relacionados aos possíveis modos nos quais estes foram ativamente utilizados em estratégias de negociação social por diferentes grupos, as quais caracterizam qualquer estudo de arqueologia pós-processual, são desconsideradas nesses estudos.

Provavelmente, o principal motivo pelo qual a arqueologia contextual tem sido tão popular entre as novas gerações de arqueólogos históricos no Brasil é a maior identificação desta abordagem com a história antes do que com a antropologia, cabendo ser considerado que a maioria desses arqueólogos obteve seus títulos de bacharelado em faculdades de história antes do que de ciências sociais. Este elo entre a arqueologia e a história justifica a grande ênfase na pesquisa historiográfica, tida como um esforço para "contextualizar" os dados arqueológicos que são apresentados, mas tendo como resultado final o uso meramente ilustrativo desses dados, reduzindo, assim, a arqueologia apenas à sua dimensão descritiva.

Ao lado desses trabalhos descritivos desenvolveram-se, nos últimos vinte anos, uma série de novas abordagens pautadas em perspectivas críticas e simbólicas, explorando temáticas diversificadas, tais como comportamento de consumo, relações de poder, gênero, construção de identidades, e o papel estruturador do ambiente construído e das paisagens. O que essas abordagens têm em comum é a preocupação em entender os contextos locais em função de uma perspectiva macro, considerando as relações desses

contextos com as forças mais amplas que moldaram o mundo moderno. Essas abordagens podem ser rotuladas como as arqueologias do capitalismo.

As arqueologias do capitalismo

A noção de arqueologia histórica como a arqueologia do capitalismo foi proposta inicialmente por Schuyler (1970), que definiu a subdisciplina como o estudo das manifestações materiais da expansão da cultura européia sobre o mundo não europeu. A mesma idéia foi defendida por Deetz (1977) e, mais recentemente, por Orser (1988, 1996). Embora deva ser considerada a perspectiva eurocêntrica desta abordagem, é inegável o impacto devastador do processo de expansão das potências européias sobre as populações nativas americanas, bem como os enormes movimentos populacionais trans-oceânicos que foram produto desse processo, envolvendo populações da África, Europa e Ásia, que remodelaram a configuração material, social e cultural das Américas. Nesse sentido, Orser (1996) chama a atenção para quatro dimensões fundamentais, caracterizadoras do período moderno, que devem ser consideradas por arqueólogos que adotam esta perspectiva: o colonialismo global, eurocentrismo, capitalismo e modernidade.

A Teoria dos Sistemas Mundiais de Wallerstein (1974) tem exercido, direta ou indiretamente, uma forte influência sobre os arqueólogos que estudam o capitalismo. De acordo com Wallerstein, o mundo moderno, que originou-se na Europa entre 1450 e 1640, emergiu quando as diferentes regiões do mundo tornaram-se ligadas, através das trocas e do comércio, em um único sistema econômico, com uma divisão do trabalho entre as áreas centrais e periféricas. O desenvolvimento dessa economia mundial influenciou diretamente uma série de processos sociais relacionados à criação de estados e identidades nacionais, à emergência de classes e grupos de status, e à concentração geográfica de atividades econômicas particulares. Ao enfatizar as relações de trocas e de comércio antes do que as relações de produção, Wallerstein insere no sistema capitalista mundial todas as nações engajadas na produção para o mercado, incluindo aquelas caracterizadas por modos de produção predominantemente não-capitalistas, como foi o caso do Brasil escravista. Porém, abordagens mais recentes na arqueologia do colonialismo têm criticado a Teoria dos Sistemas Mundiais como unidirecional, na medida que as periferias são consideradas apenas como recipientes passivos das influências vindas dos centros (Gosden 2004; Stein 2005; Wolf 1982). Wolf (1982) critica a Teoria dos Sistemas Mundiais como uma abordagem mecânica, na qual o capitalismo é tido como uma força destruidora uniforme, desconsiderando, assim, a luta política que envolve a resistência dos povos ditos periféricos à dominação capitalista. Gosden (2004) propõe uma perspectiva baseada na teoria da rede, que considera as redes globais através das quais a cultura material, as práticas humanas, os pensamentos, e as idéias, fluíram no mundo moderno. Nesse sentido, ele alega que as nações européias foram tanto um produto do colonialismo, nos sentidos econômico e cultural do termo, quanto as colônias propriamente ditas. A visão multidirecional proposta por Gosden é produto de uma insatisfação dos cientistas sociais com os modelos teóricos que adotam somente a perspectiva dos grupos politicamente dominantes, e transporta, para a escala global, abordagens recursivas que vem sendo pensadas há algumas décadas nos estudos voltados para encontros culturais, como os modelos de transculturação e crioulização que serão discutidos mais adiante.

Little (1994) refere-se a três temas gerais que têm sido abordados na arqueologia do capitalismo: pesquisa trans-cultural, consumo e industrialismo, e ideologia e poder. A pesquisa trans-cultural refere-se aos encontros coloniais entre povos europeus e não-europeus, focalizando no papel da cultura material nesses processos de interação e conflito. Consumo e industrialização dizem respeito às mudanças culturais que acompanham as mudanças sociais na organização do trabalho, conectando as condições de produção com as circunstâncias do consumo. Poder e ideologia referem-se aos modos complexos pelos quais as ideologias atuam na manutenção da estrutura social hierárquica que caracteriza o capitalismo. Em termos práticos, essas três temáticas estão imbricadas, pois os encontros coloniais sempre envolvem relações de poder e consumo de bens materiais (ver Gosden 2004), assim como a produção e o consumo de bens materiais sempre têm conotações ideológicas (Paynter 1988).

Consumo, práticas e ideologias

A ideologia do capitalismo industrial introduziu noções de disciplina pessoal através de uma série de discursos e artifícios que envolveram a separação entre o espaço doméstico e o espaço de trabalho, a segmentação das refeições, e a mensuração mecânica do tempo (ver Leone 1984; Paynter 1988; Shackel 1998). Conforme notam Senatore e Zarankin (2002:6-7), os estudos dessa nova ordem social tiveram por base contextos das colônias inglesas norte-americanas do século XVIII, e resultaram na identificação de conjuntos de regras aplicáveis à arquitetura, à cultura material e às formas de vida. Para o caso da América Latina Senatore e Zarankin (2002:7) defendem que tais princípios devem ser reavaliados com base nos contextos específicos nos quais foram construídas múltiplas identidades, envolvendo etnicidade, status, gênero e idade. Essa visão contextual tem sido adotada pelos arqueólogos que estudam o processo de expansão desse sistema no Brasil, cujas pesquisas têm demonstrado que os discursos do capitalismo foram diferencialmente assimilados, rejeitados ou transformados de acordo com a classe social, gênero, e background cultural dos ocupantes dos sítios pesquisados (ver Lima 1995, 1996, 1997, 1999; Santos 2005; Sousa 1998; Souza 2002; Symanski 2002; Tocchetto 2004).

Lima (2002b) critica o foco no capitalismo como uma perspectiva que tende a legitimar o fenômeno da globalização, contribuindo para sustentar a natureza hegemônica deste sistema e a submissão dos países periféricos. Porém, antes do que rejeitar esta linha de pesquisa, a autora defende que ela deve ser criticamente abordada pelos arqueólogos dos países ditos periféricos. Esta visão crítica tem sido característica de suas pesquisas (Lima 1995, 1996, 1997, 1999), focalizadas, por um lado, nas estratégias desenvolvidas pelas potências capitalistas para conformar o comportamento e as relações sociais no Brasil oitocentista, através da imposição de ideologias e práticas, materializadas no crescente despejo de itens industrializados europeus no mercado brasileiro naquele século, e por outro, nas formas como a sociedade brasileira criativamente mesclou tais práticas com suas próprias tradições, criando expressões híbridas. Estudos seguindo essa linha têm sido desenvolvidos por arqueólogos trabalhando em contextos de diversas regiões do país (ver Santos 2005; Sousa 1998; Souza, 2002; Symanski 2002; Tocchetto 2004).

O trabalho de Sousa (1998) focalizou-se sobre a análise da paisagem cultural da Real Fábrica de Pólvora Estrela, fundada em 1826, e da povoação associada às atividades

fabris, a vila de Inhomirim, próximo à cidade de Petrópolis (RJ). A autora analisou a amostra de louças de duas unidades domésticas da vila associadas ao complexo da Fábrica de Pólvora, com o propósito de discutir como a ideologia de privatização e de segmentação social importada da Europa foi assimilada pelos ocupantes dos referidos sítios. As diferenças na variabilidade das amostras de louça entre os dois sítios foram explicadas pela autora considerando a incorporação diferencial da ideologia de privatização, pautada em preceitos como a valorização do universo familiar, a fetichização do consumo e a ritualização da vida cotidiana, a qual foi mais efetivamente incorporada pelo grupo doméstico do sítio que apresentou louças de jantar e de chá de um maior apelo estético e econômico.

Symanski (2002) realizou um estudo comparativo de amostras de louças de sítios da segunda metade do século XIX de diversas regiões do Brasil, provenientes de contextos urbanos, semi-rurais e rurais, ocupados por diferentes grupos sociais, como fazendeiros, camponeses, comerciantes urbanos e escravos, visando discutir os modos pelos quais esses grupos diferencialmente incorporaram, rejeitaram, ou ignoraram, os discursos associados com a ideologia do capitalismo industrial. A onipresença de uma série de padrões decorativos, comuns a todos os contextos estudados, demonstraram a homogeneidade de uma cultura material que ultrapassou limites geográficos e sociais. Porém, antes do que implicar em um compartilhamento de valores, os grupos abordados fizeram usos diferenciados dessa cultura material, de modo que o discurso nela incutido foi assimilado em graus variados por esses grupos, chegando, como no caso dos contextos associados a escravos de Mato Grosso, a ser rejeitado em detrimento dos sistemas de valores associados as culturas de origem africana desses grupos.

Tocchetto (2004) estudou amostras louças e vidros de quatro sítios domésticos oitocentistas de Porto Alegre, visando discutir questões relacionadas à assimilação de discursos e práticas de origem européia no processo de construção da modernidade brasileira no século XIX. A autora nota que a desterritorialização dos discursos de seus lugares de origem provocou a apropriação, reinterpretação e adaptação de valores e práticas modernas ocidentais segundo as particularidades locais. As amostras das unidades ocupadas pela elite porto-alegrense, caracterizadas por itens de melhor qualidade e maior valor, indicaram a incorporação de práticas modernas vinculadas às refeições e ao chá, condizentes com a posição sócio-econômica destes grupos. Em contraste, as amostras das unidades ocupadas por segmentos menos abastados foram caracterizadas por uma menor diversidade de formas e maior simplicidade, indicando uma menor complexificação no uso desses itens. A autora nota, porém, que mesmo nessas unidades domésticas menos abastadas, os itens de consumo em questão transmitiam um pertencimento à moda do momento, através de jogos de louça que, embora mais simples, eram decalcados, demonstrando a incorporação de práticas relacionadas à modernidade.

Pesquisas focalizando relações de gênero foram realizadas por Lima (1995, 1997) no estado do Rio de Janeiro e, mais recentemente, por Sousa (2006), no vale do Jequitinhonha, sul da Bahia. A partir do estudo de amostras de louças de contextos domésticos do Rio de Janeiro oitocentista, Lima (1995, 1997) discutiu como as mulheres utilizaram esses artefatos em estratégias de negociação social relacionadas a dois domínios: o das refeições sociais e familiares e o do consumo social do chá. As mudanças, durante a segunda metade do século XIX, nas amostras de aparelhos de jantar

e de chá, em direção a uma maior diversidade de formas e de tipos de louça, foram interpretadas como representando estratégias de gênero que tiveram por propósito expandir o papel das mulheres na esfera social. Sousa (2006) discutiu a participação feminina na composição de dois núcleos rurais que se formaram no vale do Jequitinhonha nos séculos XIX e XX, discutindo o papel de mulheres agricultoras, oleiras, comerciantes, prostitutas e professoras em uma sociedade conservadora e patriarcal, e as táticas através das quais elas reproduziram, transformaram e burlaram os condicionantes estruturais dessas comunidades.

Outra via de pesquisa que tem sido explorada diz respeito às práticas tradicionais de higiene e saúde e suas mudanças no século XIX, em decorrência de um discurso médico, associado à ideologia do capitalismo industrial, que tinha por objetivo disciplinar a sociedade através da imposição de uma nova série de hábitos, princípios e valores. No artigo *Humores e Odores*, Lima (1996) inaugurou esta linha de investigação na arqueologia histórica brasileira, explorando o comportamento obsessivo relacionado à descarga dos fluídos corporais no Rio de Janeiro oitocentista, indicado pela grande quantidade de itens como frascos de substâncias laxantes, urinóis, escarredeiras e potes de rapé, nos sítios históricos por ela estudados. A autora associou esse comportamento escatológico, típico da ordem social escravista, à manutenção da Teoria Humoral de Hipócrates no Brasil oitocentista. Durante a segunda metade do século XIX esse comportamento começou a ser suprimido em função da ideologia de sanitização, que promoveu uma ampla reformulação dos costumes, condizente com a mentalidade burguesa que estava sendo implantada no Brasil neste período. Pesquisas posteriores têm analisado as formas como as práticas tradicionais de descarte de refugo, que consistiam no despejo do lixo doméstico em áreas abertas adjacentes às unidades de habitação, foram alteradas em função da proliferação deste discurso higienista durante a segunda metade do século XIX, não somente em contextos urbanos, mas também semi-rurais e rurais (Souza e Symanski 1996; Symanski 2001; Tocchetto 2004).

Paisagens e poder

A arqueologia das paisagens é uma linha de investigação que tem dado contribuições originais e ajudado a revitalizar o campo da arqueologia histórica brasileira nos últimos quinze anos. Uma das primeiras abordagens *aboveground* foi o estudo de Lima (1994) sobre as representações da morte nos cemitérios cariocas, em que a autora, a partir do estudo de 2.500 lápides tumulares, discute as mudanças no imaginário coletivo sobre a morte no período de transição do império escravista para a república capitalista. Seu estudo foi inspirado no clássico trabalho de Deetz e Dethlesen (1966), que testaram os princípios do método de seriação nas lápides funerárias da Nova Inglaterra para o período entre 1720 e 1829. Lima discute como a organização bipolar da sociedade do início da segunda metade do século XIX, período de expansão da economia cafeeira sob o regime escravista, foi representada nas lápides funerárias, a partir de representações escatológicas que incluíam morcegos e caveiras. No período de transição dos regimes (1889-1902), marcado pela ruptura da antiga ordem e pelo aumento da mobilidade social, o espaço funerário passou a ser composto por túmulos iguais, caracterizados por cruzes fincadas em montículos de pedras, indicativos das incertezas deste período de desordem. Com a consolidação da república (1903 a 1930), período no qual afloraram formas mais veladas de exploração e opressão, as representações da morte tornaram-se

mais explícitas, envolvendo uma explosão de vida, de movimento e de erotismo nas esculturas funenárias, que mascaravam as contradições e violência social deste período.

Pesquisas subsequentes foram realizadas por Marcos Souza (1995) em um pequeno forte colonial de Laguna (SC) e por Ana Sousa (1995) no Caminho Novo das Minas. Marcos Souza interpretou o forte de Laguna como uma expressão da ideologia colonizadora da Coroa portuguesa, discutindo as contradições entre o papel atribuído ao forte como uma expressão de poder da Coroa e os modos pelos quais os soldados, naturais da região, construíram o espaço social no interior da edificação de acordo com as suas especificidades culturais. Ana Sousa, por sua vez, considerou o Caminho Novo das Minas como um megaartefato e vetor de relações sociais, discutindo as formas como este caminho conformou as relações sociais entre diferentes grupos, tais como viajantes, comerciantes, tropeiros e fazendeiros, bem como as diferentes formas pelas quais esses grupos apropriaram-se e atribuíram significados a este caminho.

Mais recentemente Thiesen (2006), utilizando um arcabouço conceitual da arqueologia simbólica, estudou as representações escultóricas da Cervejaria Bopp & Irmãos, inaugurada em Porto Alegre no ano de 1911, discutindo as formas como esses significados foram transmitidos e como operaram no contexto da sociedade porto-alegrense daquela época. A autora analisou a fachada de estilo neo-clássico da cervejaria como um imenso *outdoor*, contendo representações escultóricas de deuses e entidades da mitologia grega, incluindo Mercúrio, Ceres e Dionísio, cujo conjunto remete a um universo dionisíaco, de embriaguez-prazer-êxtase-sabedoria, numa transposição, para a cerveja, do imaginário ligado ao vinho. De acordo com Thiesen, essas representações escultóricas exibem um discurso que uma burguesia então emergente fazia sobre si mesma, para si mesma, mas, também, para outros grupos sociais.

Souza (2007), baseando-se na idéia de que as percepções da paisagem mudam de acordo com a posição e orientação do corpo, discutiu a ordenação da paisagem social do engenho de São Joaquim, Goiás, estabelecido no ano de 1800, dando atenção à estruturação do espaço interno da casa grande e à organização das senzalas. Segundo Souza, o senhor de engenho manipulou esse espaço de acordo com o ideário iluminista, visando a criação de temporalidades diferenciadas, rompendo assim com o tipo de escravidão praticado na região ao longo do século XVIII.

Symanski (2007), utilizando as noções de estratégia e tática de DeCerteau (1984) e o conceito de paisagem como um processo proposto por Hirsch (1995), discutiu as formas como os escravos dos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT) usaram a cultura material com o propósito de se reapropriar e mesmo subverter a ordenação do espaço desses estabelecimentos, que foi hierarquicamente organizada pelos senhores. O autor considera que a cultura material foi um elemento de importância fundamental na reprodução das diferenças sociais e culturais nesses espaços, agindo como um referencial dos *backgrounds* diferenciados desses grupos. É assim defendida uma abordagem de arqueologia da paisagem que tenha por base não somente o ambiente edificado e as feições naturais envolventes, comumente associados às estratégias de controle social empregadas pelos segmentos dominantes, mas que inclua também os artefatos portáteis recuperados nas escavações, os quais são representativos das práticas cotidianas através das quais esses espaços foram diferencialmente reapropriados pelos diversos grupos que os ocuparam.

Outras contribuições neste campo incluem o estudo das paisagens urbanas oitocentistas das cidades de Porto Alegre (Thiesen 2002) e Rio de Janeiro (Minetti 2000), o Passeio Público do Rio de Janeiro (Martins 2000), e a Real Fábrica de Pólvora Estrela (Sousa 1998).

Identidades e encontros culturais

A construção e manutenção de identidades étnicas e culturais é outra via de pesquisa que tem recebido considerável atenção nos últimos quinze anos (Agostini 1998b; Allen 1998, 2000; Funari 1999; Morales 2001; Souza 2002; Symanski 2006; Tocchetto 1998). O trabalho de Tocchetto (1998) constitui uma das mais recentes contribuições originais ao estudo dos sítios missioneiros do sul do Brasil. Afastando-se dos estudos tradicionais sobre aculturação, que marcaram a pesquisa desses sítios nas décadas anteriores, a autora discutiu a manutenção das técnicas tradicionais de produção e decoração da cerâmica pelos indígenas guarani das missões jesuíticas do Rio Grande do Sul, como uma estratégia de resistência cultural através da qual esse grupo manteve um senso de identidade étnica. A resistência cultural foi também expressa na continuidade das práticas rituais proibidas pelos jesuítas, particularmente o uso ritual do fumo do tabaco, evidenciada pelos cachimbos cerâmicos encontrados nos contextos domésticos ocupados por esse grupo. Agostini (1998a), seguindo uma perspectiva similar, discutiu o papel dos cachimbos cerâmicos usados pelos escravos do Rio de Janeiro na construção de identidades escravas e nas estratégias de resistência deste grupo à cultura dominante.

É interessante notar que, a partir da década de 90, as pesquisas nos sítios missioneiros diminuíram em intensidade ao mesmo tempo que os arqueólogos começaram a dar maior atenção aos sítios e vestígios materiais relacionados à escravidão africana. Os estudos em sítios escravos, conforme discutido, remontam ao trabalho pioneiro sobre os padrões de assentamento de quilombos de Minas Gerais, realizado por Guimarães e Lanna (1980). No final dos anos 80 Guimarães et al. (1990) realizaram escavações no Quilombo do Ambrósio, em Minas Gerais, evidenciando vestígios de construções de pau-a-pique e recuperando itens de uso cotidiano, como cachimbos e vasilhames cerâmicos, além de restos alimentares. Infelizmente essas pesquisas não tiveram continuidade, resultando apenas na publicação de seus resultados iniciais. Nos anos de 1992 e 1993 Orser e Funari (ver Orser e Funari 1992; Funari 1996 e 1999) realizaram prospecções arqueológicas e escavações exploratórias na Serra da Barriga, Alagoas, no local do assentamento do Quilombo dos Palmares, recuperando amostras de cerâmicas indígenas, cerâmicas coloniais e faianças européias. Ainda no começo da década de 90, Lima realizou escavações na senzala da Fazenda São Fernando, em Vassouras (RJ), porém recuperando basicamente elementos construtivos, com uma frustrante ausência de itens relacionados às práticas cotidianas dos grupos escravos (Lima et al. 1993). Outros estudos têm focalizado classes específicas de artefatos associadas aos escravos, tais como cerâmicas (Dias Jr. 1988, Jacobus 1996, Agostini 1998a, Allen 1998, Morales 2001; Souza 2002; Souza e Symanski, no prelo; Zanettini 2005), cachimbos (Agostini 1998a), vidros lascados (Symanski e Osório 1996), e sapatos (Lima 2008), encontrados em contextos diversos, tais como unidades domésticas urbanas e rurais, engenhos, povoados de mineração, quilombos e lixeiras coletivas urbanas. Pesquisas mais recentes incluem senzalas de engenhos de açúcar de Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso (Symanski e Souza 2006, Symanski 2006), as senzalas do Engenho São

Joaquim, em Pirinópolis (GO) (Souza 2007, no prelo), e novas escavações no Quilombo dos Palmares (Allen 2000, 2006).

Um importante desdobramento dos estudos focalizados na arqueologia de grupos escravos diz respeito ao repensar de conceitos tradicionais da arqueologia histórica brasileira, particularmente o de tradição neobrasileira (Agostini 1998b; Jacobus 1996; Morales 2001; Souza 2008; Zanettini 2005). Deve ser reconhecida a importância das reflexões iniciais sobre esta categoria material, dado que a definição desta tradição reconhecia não somente a influência de grupos diversificados como a sua dimensão definidora, mas também a ocorrência de variações regionais, referente às fases que foram criadas. Conforme afirma Souza (2008:144-145), a definição da tradição neobrasileira foi importante por dois motivos: primeiro, chamou a atenção para o fato de que a cerâmica dos sítios históricos tinha especificidades próprias já no momento inicial da trajetória da arqueologia histórica brasileira; segundo, considerou os grupos escravos e indígenas como agentes importantes para a compreensão da história cultural brasileira a partir de uma perspectiva arqueológica. Estudos mais recentes, contudo, tem demonstrado insatisfação com o conceito, na medida em que as variações regionais referentes às fases não dão conta de explicar a variabilidade decorrente da composição cultural de diferentes sítios em uma mesma região. Morales (2001), ao estudar a influência africana sobre as cerâmicas históricas da região de Jundiá (SP) no período colonial, chama a atenção para a grande diversidade do material referente a contextos de produção doméstica, caracterizados pela diversidade cultural, envolvendo influências indígenas, africanas e européias, em contraste com a produção para a venda nos aldeamentos indígenas, conforme atestada pelos documentos e relatos históricos. Segundo o autor, ambos os tipos de produção coexistiram e são passíveis de ser encontrados no mesmo sítio arqueológico. Jacobus (1996) também reconhece que a produção para o comércio desta categoria cerâmica pode ter sido mais ampla do que tradicionalmente aceito, ao mesmo tempo que chama a atenção para influências da África Central, de grupos Banto, sobre uma parcela significativa deste material no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Agostini (1998b) chama a atenção para as possibilidades de variação de acordo com os contextos, contrastando amostras de contextos urbanos, semi-rurais e rurais do estado do Rio de Janeiro, porém sem chegar a resultados conclusivos devido ao tamanho reduzido das amostras. Mais recentemente Zanettini (2005:249), reconhecendo que ainda há uma insuficiência de informações que permitam selecionar com clareza zonas de produção, redes de distribuição, troca e comercialização, propõe a substituição do termo "cerâmica neobrasileira" para "cerâmica de produção local-regional". A ênfase do autor recai nos processos de transculturação, que envolveram negociação, resistência e reformulação de identidades envolvendo esta categoria material no contexto da sociedade paulista colonial. Para Souza (2008), o conceito de tradição neobrasileira serviu mais para homogeneizar do que revelar a diversidade cultural desse material. Segundo ele, este conceito resultou na essencialização da cerâmica local-regional de sítios históricos em termos de noções preconcebidas de cultura e identidade nacional, dada a associação deste material com sincretismos, sínteses e mosaicos culturais.

Ao passo que na arqueologia dos sítios missionários, o processo de trocas culturais entre os indígenas e espanhóis foi abordado com base no já discutido paradigma da aculturação, os estudos focalizados em contextos escravos têm empregado modelos

alternativos, pautados nas noções complementares de crioulização, transculturação e etnogênesis. Os estudos de aculturação, voltados para a experiência dos africanos no Novo Mundo, envolviam a busca por correlações diretas entre práticas culturais e cultura material entre as populações afro-descendentes das Américas e as populações africanas, como parte de uma agenda proposta pelo antropólogo Melville Herskovits (1941), que cunhou o termo *africanismo* para referir-se à manutenção de tais costumes e práticas (ver Singleton 1998:174). Devido à insatisfação dos arqueólogos norte-americanos com o modelo essencialista de etnicidade subjacente aos estudos de aculturação, que focalizavam-se somente no processo gradual de substituição dos traços culturais africanos por aqueles europeus, este modelo começou a ser substituído, nos anos 90 do século XX, pelo modelo de crioulização, que é baseado em um conceito mais fluído de etnogênesis.

O conceito de crioulização foi introduzido pelo historiador Edward Brathwaite (1972, citado em Singleton 1998:177) como um processo envolvendo interações e trocas multiculturais que resultaram em novas formas culturais. Este modelo busca incluir o efeito da experiência do Novo Mundo sobre todos os grupos populacionais, incluindo os euroamericanos (Dawdy 2000:01), e tem correspondência com o conceito de transculturação proposto por Fernando Ortiz, que analisou a cultura popular cubana como produto de encontros, destruições culturais e gênese cultural entre povos nativos, africanos, europeus e asiáticos (ver Deagan 1998). Na arqueologia afro-americana, o processo de crioulização é muitas vezes abordado considerando os modos através dos quais os escravos podem ter reapropriado-se da cultura material européia ou euro-americana com base em regras subjacentes, relacionadas a uma gramática que permaneceu essencialmente africana (Ferguson 2000).

Na arqueologia afro-brasileira, o paradigma da crioulização influenciou, direta ou indiretamente, os estudos realizados no Quilombo dos Palmares (Allen 1998; Funari 1999), no arraial de mineração de Ouro Fino (Souza 2002), e nos engenhos de Chapada dos Guimarães (Souza e Symanski no prelo; Symanski 2006).

Allen (1998) e Funari (1999) discutiram o processo de etnogênesis em Palmares. Allen (1998) inicia sua análise criticando o modelo mosaico cultural, tradicionalmente empregado para explicar a sociedade de Palmares, como estático. Em seu lugar ele adota a noção de sincretismo, que considera a fusão de elementos culturais de várias fontes simbolicamente renegociados no novo contexto. Com base neste conceito ele discute como uma identidade palmarina foi forjada em um cenário pluralístico, que envolvia africanos, indígenas e europeus, como uma resposta às interações dessa comunidade com a sociedade colonial envolvente. Funari (1999), por sua vez, faz uma crítica aos modelos dominantes na arqueologia sul-americana que tem tratado a identidade étnica como uma dimensão estática, que pode ser diretamente correlacionada com a cultura material. Em seu lugar, ele adota o modelo proposto por Sian Jones (1997), que considera etnicidade como um fenômeno multidimensional, constituído de diferentes maneiras em diferentes domínios. Dessa forma, ao discutir o caso do Quilombo dos Palmares, Funari observa que indicadores estáticos de etnicidade, como os nomes africanos e topônimos indígenas, apontados pelos cronistas da época como caracterizando o complexo Palmarino e algumas facetas de sua organização social, não podem servir para explicar a identidade de Palmares, dado que essa era uma sociedade resultante de contatos entre povos e tradições diversas. Outros estudos sobre Palmares têm considerado a integração desta comunidade no colonialismo global (Orser 1996), e as possíveis diferenciações internas da estrutura

social do quilombo, devido à composição multi-étnica de seus habitantes (Rowlands 1999)¹.

Souza (2002), em seu estudo sobre o arraial de mineração colonial de Ouro Fino (GO), discute as maneiras nas quais uma população heterogênea, composta de europeus, africanos e brasileiros procedentes de diversas províncias da colônia, usaram a cultura material, particularmente as cerâmicas de produção local e regional, para construir um senso de identidade regional forjado em uma visão de mundo barroca. As cerâmicas apresentaram uma forte correlação entre forma e decoração, com as panelas contendo padrões decorativos incisos de influência africana, e as tigelas apresentando decoração pintada que emulava os padrões decorativos comuns nas faianças portuguesas. De acordo com Souza, essas diferenças expressavam relações assimétricas envolvendo gênero e etnicidade. Assim, apesar de uma visão de mundo barroca incorporada pela população em geral, a cultura material de uso cotidiano foi utilizada para sustentar as desigualdades entre os diferentes grupos que ocuparam o arraial.

Souza e Symanski (no prelo) estudaram a variabilidade diacrônica da cerâmica associada a contextos escravos de três engenhos e um quilombo de Chapada dos Guimarães, ocupados entre 1780 e 1888, visando discutir a emergência de comunidades escravas na região e o papel da cerâmica neste processo. Os autores verificaram uma forte correlação entre a variabilidade diacrônica das técnicas de decoração e padrões decorativos da cerâmica e as mudanças na composição africana e afro-brasileira dos plantéis de escravos da região, indicando que os escravos, particularmente os africanos, usaram esse material para expressar diferenças culturais e sociais. Em adição, quando o cenário demográfico da escravidão em Chapada foi dominado por uma população afro-brasileira, a partir do último terço do século XIX, verificou-se uma gradual diminuição na proporção dos vasilhames cerâmicos decorados, demonstrando que o processo cultural de criouliização nesta região foi fortemente atrelado às mudanças generacionais dos plantéis escravos, de uma população culturalmente heterogênea africana para uma população mais homogênea, afro-brasileira. Este estudo sugere que o processo de criouliização não segue uma via linear, em que grupos com diferentes backgrounds culturais rapidamente constroem uma nova cultura como resposta à vida comum em cativeiro. Antes, este processo deve ser contextualmente avaliado, pois pode apresentar ritmos distintos de acordo com as especificidades da escravidão em diferentes regiões das Américas, podendo, como no caso de Chapada, ser marcado por períodos de expressão de diferenças e reconstrução de identidades pautadas em referenciais diversificados (ver Symanski 2006).

¹ Apesar da sofisticação dos modelos empregados para discutir a arqueologia de Palmares, tem sido mais recentemente reconhecido que a escassez dos dados empíricos recuperados nas duas estações de campo (duas semanas em 1992 e uma semana em 1993), que consistiram no total de 2488 artefatos recuperados de 14 sítios (Funari 1999), incluindo sítios que apresentaram somente cerâmica pré-colonial e outros somente material do século XIX, anacrônicos, portanto, com o período de conformação e ocupação do quilombo (cerca de 1605 a 1694), torna essas interpretações muito frágeis. Nesse sentido, ao retomar os trabalhos de campo em Palmares entre 1996-97, Allen (2000; ver também 2006) encontrou evidências de uma intensa ocupação indígena pré-colonial, assumindo que até o momento "...não sabemos quase nada da vida Palmarina através de estudos arqueológicos, e que nossas interpretações anteriores necessariamente voltam ao nível de hipóteses a serem exploradas" (Allen 2006:98).

Considerações Finais

Este trabalho teve por propósito fazer uma revisão geral da produção da arqueologia histórica brasileira nos últimos 20 anos. Deve ser considerado que, dado o grande volume da produção atual, produto do enorme crescimento da subdisciplina no Brasil neste período, é impraticável realizar uma revisão exaustiva, que contemple todos os trabalhos publicados, nos moldes daquela realizada por Lima (1993) para o período entre 1960 e 1991. Assim, optou-se em discutir os trabalhos mais direcionados para dados empíricos, com vistas a discutir problemáticas específicas que demonstrassem a contribuição da arqueologia histórica no cenário das ciências sociais no Brasil. Da mesma forma, não foi possível detalhar áreas que tem tido um desenvolvimento importante no campo, como o caso da arqueologia subaquática, para a qual os leitores interessados podem consultar o trabalho de Rambelli (2002).

Como esta revisão espera ter demonstrado, há, atualmente, um marcante dualismo na arqueologia histórica brasileira. Em um extremo, situa-se uma resistente tradição arqueográfica, cujos trabalhos têm poucas pretensões de apresentar informações que sejam relevantes em termos de processos sócio-culturais. No outro, está uma vertente crítica cada vez mais popular, focalizada, sobretudo, na dimensão política da subdisciplina, considerando seu potencial no empoderamento dos grupos oprimidos, tidos como marginalizados pela historiografia. Segundo esta vertente, uma das poucas vias de acesso à história desses grupos é através da arqueologia, pelo fato dos mesmos terem deixado registros escritos sobre si próprios somente em raras ocasiões. Embora este argumento tenha um forte apelo, desconsidera que uma das mais ricas vertentes da historiografia nacional consiste, justamente, no estudo dos grupos escravos. Do mesmo modo, a produção etnográfica tem enfatizado o estudo dos grupos indígenas, camponeses e quilombolas, assim como os segmentos marginalizados dos grandes centros urbanos. Na arqueologia histórica esta vertente tem sido fortemente influenciada pela concepção marxista de que as ideologias dos grupos dominantes são impostas aos subordinados através de representações que servem para naturalizar a arbitrariedade da ordem social. As vertentes pós-modernas focalizadas no discurso têm levado esta premissa ao seu extremo, considerando a própria produção arqueológica como uma representação, uma manipulação maniqueísta, que pode servir ao interesse de diferentes grupos de uma sociedade, ou, em um nível mais amplo, como uma das formas pelas quais as potências ocidentais impõem sua visão de mundo sobre outros povos. Nesse sentido, cabe ao arqueólogo optar pelo lado do bem ou do mal. Uma das consequências desastrosas dessas formulações tem sido a de inviabilizar o potencial informativo da cultura material, posto que, se todas as interpretações são subjetivas e têm por propósito principal dar poder a grupos (ou nações) hegemônicos ou subordinados, os dados empíricos tornam-se insignificantes. Deste modo é invalidada a necessidade, sempre trabalhosa e dispendiosa, da realização de trabalhos de campo, e conseqüentemente da imensa carga de trabalhos de laboratório que sempre envolvem o esforço de classificar, quantificar e identificar as múltiplas dimensões dos artefatos recuperados. Como resultado, a arqueologia torna-se somente retórica e reprodução de idéias, idéias na maioria das vezes geradas, ironicamente, nas próprias potências capitalistas hegemônicas.

Cabe ser lembrado que posições extremistas, sejam objetivistas ou relativistas, apresentam um risco muito grande de tornarem-se verdades absolutas, gerando assim um autoritarismo intelectual que pode ser extremamente nefasto para as ciências sociais.

Conforme lembra Wilk (1996), a ciência social deve ser uma mistura de objetivismo e subjetivismo, de ideologia e verdade, uma fusão de poder e conhecimento, pois sem o contexto político e cultural, o conhecimento é apenas uma coleção inútil de fatos, e sem os dados empíricos como base e referência, o discurso político ou cultural é apenas retórica.

Entre esses dois extremos, há ainda a posição esquizóide dos trabalhos que adotam, à guisa de introdução, discursos teóricos recentes, mas que apresentam apenas descrições de campo e de material, em um requentamento nem sempre deglutível da abordagem histórico-cultural. Assim, da mesma forma que há um movimento em direção à adoção de abordagens e conceitos atuais, envolvendo noções de poder, agência, práticas, discursos, representações, trocas culturais etc, ainda é comum, em muitos casos, problemas com a operacionalização dessas abordagens, causados tanto pelo papel secundário atribuído aos dados empíricos, quanto pela inabilidade de extrair dos mesmos as informações relevantes para os contextos em estudo. Talvez uma das formas de começar a superar essa crise de identidade da arqueologia histórica brasileira seja a partir de um exercício de auto-crítica. Deveríamos começar a nos questionar até que ponto está a subdisciplina, realmente, contribuindo para a efetiva produção de conhecimento em nosso país. Ou será que não estaremos, em nosso ímpeto de mantermo-nos atualizados frente aos países hegemônicos ocidentais, somente reproduzindo discursos sobre um maravilhoso potencial de uma subdisciplina que não se concretiza na prática? Está a arqueologia histórica adicionando informações relevantes à produção historiográfica e científico-social de nosso país? Ou não estaremos nós, em muitos casos, produzindo apenas uma historiografia deficiente, baseada, quase que exclusivamente, em referências secundárias, tendo como única adição a descrição de fragmentos de artefatos?

Agradecimentos:

Uma primeira versão deste artigo foi elaborada em 2002, como trabalho final de um curso de arqueologia histórica ministrado por Kathleen Deagan na University of Florida. Sou grato a Kathy, não somente por todas as discussões e sugestões durante a elaboração deste trabalho, mas sobretudo por sua participação ativa no meu processo de aprendizagem no período em que cursei o doutorado naquela instituição. Agradeço ainda às críticas e sugestões de Tania Andrade Lima, Marcos André Souza, José Alberione dos Reis e Fernanda Tocchetto.

Referências

Agostini, Camilla

1998a Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*, 3(2):115-137.

1998b Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos do Rio de Janeiro, século XIX. *Revista de Arqueologia* 11: 15-26.

Agostini, Camila e Rosana Najjar

2007 Pesquisa arqueológica na Casa da Hera - Vassouras / RJ. *Revista de Arqueologia*, 20: 39-50.

Albuquerque, Marcos

1969 O sítio arqueológico PE 13 Ln. Um sítio de contato interétnico: nota prévia. *Pesquisas, Antropologia*, 20:78-89.

- 1970 Nota sobre a ocorrência de sambaquis históricos e de contato intrerétnico no litoral de Pernambuco. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, 1: 153-158.
- 1971 *O sítio arqueológico PE 16- Cp (um sítio de contato interétnico)*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 28p.
- 1980 Escavações arqueológicas realizadas na Igreja Quinhentista de N. S. Da Divina Graça, em Olinda (nota prévia). *Clio*, 3:89-90.
- 1982 Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da Tradição Tupiguarani no nordeste do Brasil. *Clio*, 5:105-116.
- 1984 *Contato interétnico no nordeste do Brasil – um estudo arqueológico*. Dissertação de mestrado em história, UFPE, Recife, 154p.
- Albuquerque, Marcos and Veleda Lucena
- 1976 Arqueologia histórica e restauração de monumentos (uma experiência interdisciplinar). *Boletim do Departamento de História da UFPE*, 1 (1):58-61.
- 1988 *Forte Real do Bom Jesus – resgate arqueológico de um sítio histórico*. Recife, 72p.
- Albuquerque, Paulo T.
- 1990 Escavações arqueológicas na Missão de N. S. do Desterro de Gramació – Vila Flor, RN. *Revista do CEPA*, 17 (20): 305-318.
- 1991 *A Faiança Portuguesa dos Séculos XVI a XIX em Vila Flor, RN*. Dissertação de mestrado em história, UFPE, 200 p.
- Allen, Scott J.
- 1998 A 'cultural mosaic' at Palmares? Grappling with historical archaeology of a - Seventeenth-Century brazilian quilombo. In: FUNARI, Pedro P. (org.), *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Campinas, Unicamp, pp. 141-178.
- 2000 Identidades em Jogo: negros, índios e a arqueologia da Serra da Barriga. In L. de Almeida, M. Galindo e J. Elias (eds.) *Índios do Nordeste: temas e problemas 2*, pp.245-275, Maceió: EDUFAL.
- 2006 As vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. *Clio – Série Arqueológica*, 20 (1):81-101.
- Andreatta, Margarida
- 1981 Arqueologia histórica no município de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, 18: 174-176.
- 1986 Casa do Grito – Ipiranga. Programa de arqueologia histórica do município de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, 197:153-172.
- Araújo, Astolfo G. and Marcos Carvalho
- 1993 A Louça Inglesa do Século XIX: Considerações sobre a Terminologia e Metodologia utilizadas no Sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 81-95.
- Barros, Maria Luiza
- 1996 *Tapera da Figueira: um estudo de caso sobre o processo ocupacional da Aldeia Velha no século XIX. Santo Antônio da Patrulha - RS/BR*. Dissertação de mestrado em História (concentração em Arqueologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Binford, Lewis
- 1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity* 28 (2):217-226.

- Bittar, Leila and Leila Almeida
 2000 A cerâmica utilitária no Mosteiro São Bento. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd, 6p.
- Blasi, Ondemar
 1963 Aplicação do método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo – Fenix, Paraná. *Boletim da Universidade do Paraná*, 4:1-13.
 1971 Investigações arqueológicas nas ruínas da redução jesuítica de Santo Inácio Mini ou do Ipaumbucu, Paraná, Brasil. *Revista do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas*, Curitiba, 16:4-10.
- Brochado, José P.
 1969 Dados parciais sobre a arqueologia do Vale do Ijuí. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 10:11-32.
 1974 Contatos entre europeus e indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. *Revista do IFCH*, 2:11-47.
- Brochado, José P., Danilo Lazarotto and Rolf Steinmetz
 1969 A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica. *Pesquisas, Antropologia*, 20:169-201.
- Carle, Cláudio
 1998 O conhecimento e o uso dos metais nas missões, RS, Brasil. In *Arqueologia Histórica Missioneira*, ed. By Arno Kern, Edipucrs, Porto Alegre.
- Carle, Claudio and Alberto Oliveira
 1996 O solar da Travessa Paraíso: um exemplo de arqueologia histórica em Porto Alegre. *Estudos Ibero-Americanos*, vol.22, (1):47-70.
- Carvalho, Marcos R.
 1999 *Pratos, Xícaras e Tigelas: um Estudo de Arqueologia Histórica em São Paulo, Séculos XVIII e XIX*. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo.
- Cheek, Annetta
 1974 *The Evidence for Acculturation in Artifacts: Indians and Non-Indians at San Xavier del Bac*, Arizona. PHD dissertation, University of Arizona. University Microfilms, Ann Arbor.
- Chmyz, Igor
 1964 Pesquisas arqueológicas na jazida histórica de Ciudad Real de Guairá. *Revista do Centro de Estudos Científicos*, 7-8:105-107.
 1976a Arqueologia histórica da Vila Espanhola de Ciudad Real do Guairá. *Cadernos de Antropologia*, 1:7-103.
 1976b Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia* 1(1):119-147.
 1979 Investigaciones arqueológicas en la margen izquierda del Rio Paraná. *Primer Seminario de la Itaipu Binacional sobre Medio Ambiente*, pp.193-207.
- Chmyz, Igor; E. Sganzerla; J. Volcov
 1990 O projeto arqueológico Rosana-Taquaruçu e a evidencição de estruturas arquitetônicas na Redução de Santo Inácio Menor. *Arqueologia Revista do CEPA*, Curitiba, 6:55-74.
- Chmyz, Igor; E. Sganzerla; J. Volcov; E. Bora; R. Ceccon

- 2008 A arqueologia da área da LT 750kV Ivaoporã – Itaberá III, Paraná – São Paulo. *Arqueologia Revista do CEPA*, Curitiba, Número especial 5:01-305.
- Cressey, Pamela; John Sthephens; Steven Shephard; Barbara Magid
- 1982 The core-periphery relationship and the archaeological record in Alexandria, Virginia. In *Archaeology of Urban America. The Search for Pattern and Process*, ed. by Roy Dickens, pp.143-174 New York, London, Academic Press.
- Cusick, James
- 1998 Historiography of acculturation: an evaluation of concepts and their application in archaeology. In *Studies in Culture Contact: Interaction, Culture Change, and Archaeology*, ed. by James Cusick. Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper, n. 25:126-145.
- Dawdy, S.
- 2000 Creolization – Preface. *Historical Archaeology* 34(3):1-4.
- Deagan, Kathleen
- 1996 Avenues of inquiry in historical archaeology. In *Readings in Historical Archaeology*, ed. by Charles Orser, pp.16-41, AltaMira Press, Walnut Creek.
- 1998 Transculturation and Spanish-American Ethnogenesis: The Archaeological Legacy of the Quincentenary. In *Studies in Culture Contact – Interaction, Culture Change, and Archaeology*, ed. by J. Cusick, pp.23-43. Carbondale: Center for Archaeological Investigations.
- DeCerteau, M.
- 1984 *The Practice of Everyday Life*. Berkeley, University of California Press.
- Deetz, James
- 1977 *In Small Things Forgotten*. Anchor Press, New York.
- Deetz, James e E. Dethlesen
- 1966 Death's heads, cherubs, and willow trees: experimental archaeology in colonial cemeteries. *American Antiquity*, 31:502-10.
- Dias Junior, Ondemar
- 1971 A fase Parati: apontamentos sobre uma fase cerâmica neobrasileira. *Universitas*, 8-9:117-133.
- 1988 A cerâmica neo-brasileira. *Arqueo-IAB*, Textos Avulsos, 1:1-30.
- Ferguson, Leland
- 2000 Creolization – Introduction. *Historical Archaeology* 34(3):5-9.
- Fossari, Tereza
- 1992 A pesquisa arqueológica no sítio histórico São José da Ponta Grossa. *Anais do Museu da Antropologia*, n.19-20, 19:5-103.
- Funari, Pedro P.
- 1994 South American historical archaeology. *Historical Archaeology in Latin America*, 3:1-14.
- 1995 The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of African-American culture. *Historical Archaeology in Latin America*, 7, pp.1-41.
- 1996 Historical archaeology in Brazil, Uruguay and Argentina. *World Archaeological Congress* 7:51-62.
- 1997 Archaeology, history, and historical archaeology in South America. *International Journal of Historical Archaeology*, 1 (3):189-206.

- 1999 Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII. In: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (eds.) *Sed non Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea*, Buenos Aires, Ediciones Del Tridente, pp. (77-96).
- Gosden, Chris
2004 *Archaeology and Colonialism. Cultural Contact from 5000BC to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Guimarães, Carlos M.
1996 Mineração colonial e arqueologia: potencialidades. *Revista de Arqueologia*, 9: 55-64.
- Guimarães, Carlos M. and Ana L. Lanna
1980 Arqueologia de quilombos em Minas Gerais. *Pesquisas, Antropologia*, 31, pp.147-164.
- Guimarães, Carlos M., Ana F. Santos, Betânia Gonçalves, Liliana Porto
1990 O quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e arqueologia. In: Anais do 1º Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão Negra, *Estudos Ibero-Americanos*, vol. XVI, ns 1 e 2, pp.161-174.
- Herskovits, Melville
1941 *The Myth of the Negro Past*. Beacon Press, Boston.
- Hirsch, E.
1995 Introduction: Landscape: Between Place and Space, In Hirsch, E. e O'Hanlon, M. (eds.) *The Anthropology of Landscape: Perspectives on Place and Space*, ed. by Eric Hirsch and Michael O'Hanlon. Oxford, Clarendon Press, pp.1-30.
- Hodder, Ian
1986 *Reading the Past*. Cambridge University Press, London.
- Jacobus, André
1996 Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA*, vol. 20, (23):7-58.
- Jones, Sian
1997 *The Archaeology of Ethnicity: Constructing Identities in the Past and Present*. London: Routledge.
- Juliani, Lúcia.
1996 *Gestão Arqueológica em Metrópolis: Uma Proposta para São Paulo*. Dissertação de mestrado, USP.
- Kern, Arno A.
1989a Escavações arqueológicas na missão jesuítico-guarani de São Lourenço (RS, Brasil). *Estudos Ibero-Americanos*, XV, 1:11-1333.
1989b A arqueologia histórica, a história e os trinta povos das Missões. *Clio*, 5: 101-114.
1994 Pesquisas arqueológicas nas missões jesuítico-guaranis (1984-1994). *Estudos Ibero-Americanos*, n.20, (1):63-105.
2000 As intervenções arqueológicas na Igreja do Rosário dos Homens Brancos (Largo do Carmo, Pará). *Anais do XI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd, 10p.
- La Salvia, Fernando
1983 São Lourenço Martir: algumas idéias para uma pesquisa arqueológica. *Ciências e Letras*, 3:67-75.

- Landa, Beatriz
 1996 Acompanhamento arqueológico no mercado público central de Porto Alegre. *Revista do CEPA*, vol. 20, (23):77-104.
- Leone, Mark
 1984 Interpreting Ideology in Historical Archaeology: Using the Rules of Perspective in the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In *Ideology, Power and Prehistory*, eds. D. Miller and C. Tilley, pp. 25-35. Cambridge University Press.
- Lima, Tania A.
 1993 Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova série, 1, pp.225-262.
 1994 De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX. *Anais do Museu Paulista, Nova Série, História e Cultura Material*, São Paulo, vol.2: 87-150.
 1995 Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, 3:129-191.
 1996 Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, vol. 2, n.3, pp.46-98.
 1997 Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 3:93-129.
 1999 El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. In: ZARANKIN, A., ACUTO, F. *Sed non satiata – Teoria social en la arqueología latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires, Ediciones del Tridente.
 2002a Tecnologia demais, comportamento de menos: o olhar da arqueologia sobre os vidros históricos. *Canindé 2*: 283-290.
 2002b Os marcos teóricos da Arqueologia Histórica: possibilidades e limites. *Revista Estudos Ibero Americanos*, XXVIII (2): 7-23.
 2008 Los Zapateros Descalzos: Arqueología de una Humillación en Río de Janeiro del Siglo XIX. In *Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana*, ed. por Félix Acuto e Andrés Zarankin, pp.33-55, Buenos Aires, Encuentro Grupo Editor.
- Lima, Tânia A. et al.
 1989a A Tralha Doméstica em meados do Século XIX: Reflexos da Emergência da Pequena Burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo, Publicações Avulsas*, São Paulo, (1): 205-230.
 1989b Aplicação da Formula South a Sítios Históricos do Século XIX. *Dédalo*, 27: 83-97.
- Lima, Tania A., M. C. Bruno e M. P. Fonseca
 1993 Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova série, 1, pp.170-206.
- Little, Barbara J.
 1994 People with history: an update on historical archaeology in the United States. *Journal of Archaeological Method and Theory* 1 (1), pp.5-40.
- Lotufo, César A.

- 1989 Resultados preliminares das escavações arqueológicas efetuadas no solar Barão de Sahy, Mangaratiba, Rio de Janeiro. *Dédalo*, Pub. Av. 1:98-102.
- Macedo, João
- 1998 Garrafas, frascos e pontas de flecha. Considerações sobre o vidro do sítio da Guarda de São Martinho – RS. *Revista do CEPA*, vol. 21, (26):91-112.
- Majewski, Terezita e O'Brien, Michael
- 1987 The use and misuse of nineteenth-century English and American ceramics in archaeological analysis. *Advances in Archaeological Method and Theory* 11:97-209.
- Martin, Gabriela
- 1990 Arqueologia nas missões religiosas do Vale do São Francisco. *Revista do CEPA*, vol.17, 20:287-304.
- Martins, Christiane
- 2000 Jardins como artefatos – o Passeio Público do Rio de Janeiro no século XIX. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd, 9p.
- Meggers, Betty
- 1970 Brazilian Archaeology in 1968: An Interim Report on the National Program of Archaeological Research. *American Antiquity*, 35 (1):1-23.
- Mello Neto, Ulysses P.
- 1975a Arqueologia histórica, pesquisa histórica e restauração de monumentos. *Revista Pernambucana de Desenvolvimento*, 2(1):13-17.
- 1975b *Belarminos: jarros alemães de pó-de-pedra do século XVII encontrados no Nordeste*. Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 14p.
- 1977 O fumo no Nordeste, 1500-1654. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, 49:253-292.
- 1983 O forte da Cinco Pontas – um trabalho de arqueologia histórica aplicada à restauração de monumentos. *Coleção Monumentos do Recife*, 1, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 170p.
- Miller, George
- 1980 Classification and economic scaling of 19 th. century ceramics. *Historical Archaeology*, 14, pp.1-40.
- 1991 A revised set of cc index values for classification and economic scaling of english ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology*, 25 (1), pp.1-25.
- Minetti, Alfredo
- 2000 Analisando o núcleo urbano do Rio de Janeiro na mudança de ordens: uma arqueologia da paisagem. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd, 12p.
- Morales, Walter F.
- 2001 A cerâmica "neo-brasileira" nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 11:165-188.
- Motta, Letícia de Barros
- 1998 *A Tralha Doméstica e o Processo de Urbanização de Porto Seguro*. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo.
- Najjar, Rosana e Christiane Rezende

- 2000 Coleção de louças da Igreja de Nossa Senhora de Assunção, Anchieta-ES – Um projeto de restauração. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd, 5p.
- Ognibeni, Denise
- 1998 *Cultura Material e Vida Cotidiana no Meio Rural do Rio Grande do Sul, no Final do Século XVIII e Princípio do Século XIX: o Sítio RG-23/Barra Falsa*. Dissertação de Mestrado em História, PUC-RS, Porto Alegre.
- Oliveira, Lizete
- 2002 Os trabalhos arqueológicos no registro de Santa Vitória. *Arqueologia do Brasil Meridional*, cd, 09p.
- Orser, Charles
- 1988 Toward a theory of power for historical archaeology, plantations and space. In M. Leone and P. Potter (eds.) *The Recovery of Meaning in Historical Archaeology*, pp.313-43. Smithsonian Institution, Washington.
- 1996 *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum.
- Orser, Charles e Pedro P. Funari
- 1992 A pesquisa arqueológica inicial em Palmares. *Estudos Ibero-Americanos* 18:53-69.
- Paynter, Robert
- 1988 Steps to an archaeology of capitalism. Material change and class analysis. In *The Recovery of Meaning* ed. by M. Leone and P. Potter. Washington, Smithsonian Institution.
- Rambeli, Gilson
- 2002 *Arqueologia até Debaixo da Água*. São Paulo, Editora Maranta.
- Ribeiro, Pedro A.
- 1979 O tupiguarani e o tupiguarani no sul do Brasil e a redução jesuítica de Jesus Maria. In *Anais do Terceiro Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Dom Bosco, Santa Rosa, pp.75-106.
- 1981 O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria. *Revista do Cepa* 10:1-172.
- 1985 O tupiguarani no vale do Rio Pardo e a influência missionária. In *Anais do Quinto Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, pp.188-106, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Dom Bosco, Santa Rosa.
- Ribeiro, Pedro A. M., Catharina T. Ribeiro, Itela Silveira
- 1988 Arqueologia e história da aldeia de São Nicoulau do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, v.15, n.18, 115p.
- Ribeiro, Pedro A., Catharina Ribeiro, Sérgio Klamt, Joaquim Silveira
- 1989 Escavações arqueológica na Missão de São Lourenço Martir, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. *Estudos Ibero-Americanos*, XV:135-151.
- Rowlands, Michael
- 1999 Black identity and a sense of past in Brazilian national culture. In *Back from the Edge-Archaeology in History* ed. by P. Funari, S. Jones and M. Hall, pp. 142-164, London, Routledge.
- Santos, Paulo

- 2005 *Contentores de Bebidas Alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Schuyler, R.
1970 Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: Basic Definitions and Relationships. *Historical Archaeology* 4:83-9.
- Senatore, Maria X. e Andrés Zarankin
2002 Leituras da sociedade moderna: cultura material, discursos e práticas. In A. Zarankin e M. Senatore (eds.), *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*, pp. 5-18, Buenos Aires: Ediciones del Tridente.
- Shackel, Paul A.
1998 Classical and liberal republicanism and the new consumer culture. *International Journal of Historical Archaeology* 2 (1): 1-20.
- Silva, Regina, Edna Morley, Catarina Silva
1984 A restauração do Paço Imperial. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 20:158-165.
- Singleton, Thereza
1998 Cultural interaction and African American identity in plantation archaeology. In *Studies in Culture Contact: Interaction, Culture Change, and Archaeology*, ed. by James Cusick. Center for Archaeological Investigations, Occasional Paper, n. 25:172-188.
- Sousa, Paulo T., Plínio Vitor, Bartira Barbosa
1989 A missão jesuítica de Nossa Senhora do Desterro de Vila Flor – nota prévia. *Dédalo*, pub. Av. N.1:231-237.
- Sousa, Ana C.
1995 Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do Caminho Novo e suas variantes (secs. XVIII e XIX). *Historical Archaeology in South America*, 6:67-88.
1998 *Fábrica de Pólvora e Vila Inhomirim: Aspectos da Dominação e Resistência na Paisagem e em Espaços Domésticos (Século XIX)*. Dissertação de mestrado em arqueologia, USP, São Paulo.
2006 Mulheres do Jequitinhonha: um diálogo entre arqueologia, história e antropologia. *Revista de Arqueologia*, 19: 09-28.
- South, Stanley
1972 Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in Historical Archaeology. *The Conference on Historical Site Archaeology Papers*. 6: 71-116. Institute of Archaeology and Anthropology, University South Carolina, Columbia.
1977 *Method and Theory in Historical Archaeology*. New York, Academic Press.
- Souza, Marcos A. T.
1995 Arqueologia da paisagem e sítios militares. Um estudo de um forte colonial em Laguna – Santa Catarina, Brasil. *Historical Archaeology in Latin America* 6:113-122.
1996 O sítio do Quincão. Exemplo de um estudo interdisciplinar. *Coleção Arqueologia*, 1, (2):573-580.

- 2000 Arqueologia histórica e pesquisa de contrato – avaliação e perspectivas. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, cd-rom, 11p.
- 2002 Entre práticas e discursos: a construção social do espaço no contexto de Goiás do século XVIII. In *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul– Cultura Material, Discursos e Práticas*, ed. por Andrés Zarankin e Maria X. Senatore, pp.63-86, Buenos Aires, Ediciones del Tridente.
- 2007 Uma outra escravidão: a paisagem social do Engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 1(1):57-88.
- 2008 Esencializando las Cerámicas: Culturas Nacionales y Prácticas Arqueológicas en América. In *Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana*, ed. por Félix Acuto e Andrés Zarankin, pp.141-155, Buenos Aires, Encuentro Grupo Editor.
- No prelo Espaços da alteridade: uma incursão às senzalas do Engenho São Joaquim, Goiás, século XIX, 35 pgs.
- Souza, Marcos A. T. e Luís C. P. Symanski
- 1996 Análise distribucional intra-sítio em arqueologia histórica: algumas aplicações. *Revista de Arqueologia*, 9:25-42.
- No prelo Potery variability and slave communities in Western Brazil. *International Journal of Historical Archaeology*.
- Spencer-Wood, Suzanne
- 1987 Introduction. In *Consumer Choice in Historical Archaeology*, ed. by S. Spencer-Wood, pp.1-24. New York, Plenum Press.
- Staski, Edward
- 1996 The oversees chinese in El Paso: changing goals, changing realities. In *Readings in Historical Archaeology*, ed. by Charles Orser, pp.166-190, Walnut Creek, Altamira Press.
- Stein, Gil
- 2005 Introduction: The Comparative Archaeology of Colonial Encounters. In *The Archaeology of Colonial Encounters. Comparative Perspectives*, ed. by Gil Stein. Santa Fe: School of American Research Press, pp.3-32.
- Stone, Garry W.
- 1970 Ceramics of Suffolk County, Massachussets inventories 1680-1775. *The conference on historic site archaeology papers*. Columbia, University of South Carolina 3(1):73-90.
- Symanski, Luís C. P.
- 1998a *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- 1998b Bebidas, panacéias, garrafas e copos: A amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de Arqueologia*, 11:71-85.
- 2001 Práticas de descarte de refugo e mudanças de visão de mundo em um ambiente rural – o sítio Fazenda Camurugi (BA). *Revista de Divulgação Científica*, 4: 113-138.
- 2002 Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul– Cultura Material, Discursos e Práticas*, ed. por Andrés Zarankin and Maria X. Senatore, pp.31-62, Buenos Aires, Ediciones del Tridente.

- 2006 *Slaves and Planters in Western Brazil: material culture, identity and power*. Tese de doutorado, Gainesville, University of Florida.
- 2007 O Domínio da Tática: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v.1 (2):7-36.
- 2008 Alocronismo y Cultura Material: Discursos de Dominación y la Utilización de la Bienes Materiales En la Sociedad Brasileira del Siglo XIX. In *Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueologia latinoamericana*, ed. por Félix Acuto e Andrés Zarankin, pp.255-275, Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor.
- Symanski, Luís C. P. e Osório, S. R.
- 1996 Artefatos reciclados em sítios históricos de Porto Alegre. *Revista de Arqueologia*, 9:43-54.
- Symanski, Luis C. P. e Souza, Marcos A. T.
- 2006 A Arqueologia Histórica: relações sociais e construção de identidades na região do Rio Manso, séculos XVIII e XIX In: *História e Antropologia no Vale do Rio Manso*, ed. por Leila Fraga, pp.241-264, Goiânia: Editora UCG.
- 2007 O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 33:215-244.
- Thiesen, Beatriz
- 2002 As paisagens da cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre no século XIX. *Arqueologia do Brasil Meridional*, cd, 7p.
- 2006 Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Bopp & Irmãos, Porto Alegre. *Anais do Museu Paulista*, N. Sér. 14(1):167-194. 2006. 167
- Tocchetto, Fernanda
- 1998 A cerâmica do guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica. In *Arqueologia Histórica Missioneira*, ed. by Arno Kern, pp.151-176, Porto Alegre, Edipucrs.
- 2000 A arqueologia da cidade: reflexões e propostas para Porto Alegre. *Anais do IX Congresso de Arqueologia Brasileira*, cd, 11p.
- 2004 *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Tocchetto, Fernanda, Shirley Santos, Luís Cláudio P. Symanski
- 1999 Programa de Arqueologia Urbana do Município de Porto Alegre, RS. *Revista do CEPA*, v.23, n.30, pp.75-101, 1999.
- Tocchetto, Fernanda, Luis Symanski, Sérgio Osório, Alberto Oliveira, Ângela Cappelletti
- 2002 *A Faiança Fina em Porto Alegre – Vestígios Arqueológicos de uma Cidade*. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura.
- Vianna, Hélio
- 1992 A parte e o todo: estudo dos materiais encontrados na periferia da fonte-reservatório do forte de Santo Antônio de Ratones, SC. *Anais da VI Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 2: 666-673.
- Wallerstein, Immanuel
- 1974 *The Modern World-System: Capitalism, Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.
- Wheaton, Thomas and Patrick Garrow

- 1985 Acculturation and the archaeological record in the Carolina Low Country. In *The Archaeology of Plantation and Slave Life*, edited by Thereza Singleton, pp. 239-259. Academic Press, Orlando.
- Wilk, Richard
- 1996 *Economies and Cultures. Foundations of Economic Anthropology*. Westview Press, Boulder.
- Wolf, Eric
- 1982 *Europe and the People Without History*. University of California Press, Berkeley.
- Zanettinni, Paulo Eduardo
- 1986 Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia* 5, pp.117-130.
- 1988 Canudos: memórias do fim do mundo. *Horizonte Geográfico*, ano I, n.3:28-38.
- 1990 Calçada do Lorena: o primeiro caminho para o mar. *Memória*, ano III, n. 7 and 9.
- 2005 *Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Zanettinni, Paulo E. and Paulo Camargo
- 1999 *Cacos e mais Cacos de Vidro – O que fazer com Eles?* Pre-print, 61p.
- Zarankin, Andrés
- 2007 El Sur por el Sur: una revisión sobre la historia y el desarrollo de la arqueología histórica en América meridional. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 1(1):17-48.